



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
Coordenadoria Institucional de Programas Especiais – CIPE
Curso de Pedagogia – PARFOR

YSLA GABRIELA

**COMBATENDO O *BULLYING* NA ESCOLA: POR UMA CULTURA DA
HOSPITALIDADE, RESPEITO E TOLERÂNCIA**

MONTEIRO – PB

2014

YSLA GABRIELA

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NO ATUAL CONTEXTO DA
ESCOLA PÚBLICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.**

Orientador: Prof. Ms. Otacílio Gomes da Silva Neto

MONTEIRO- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484c Ribeiro, Ysla Gabriela dos Santos.

Combatendo o bullying na escola [manuscrito] : por uma cultura da hospitalidade, respeito e tolerância / Ysla Gabriela dos Santos Ribeiro. - 2014.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em PRIMEIRA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO PARFOR EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Otacilio Gomes da Silva Neto, Departamento de Letras".

1. Bullying escolar. 2. Programas escolares. 3. Violência na escola. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

YSLA GABRIELA

**COMBATENDO O *BULLYING* NA ESCOLA: POR UMA CULTURA DA
HOSPITALIDADE, RESPEITO E TOLERÂNCIA**

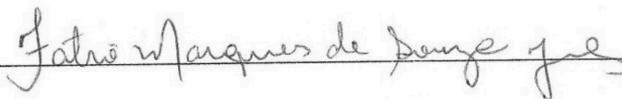
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Aprovada em 14 de Outubro de 2014



Prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto

(Orientador)



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza

(Examinador)

De uma sociedade de exploração devemos passar a uma sociedade de cooperação; de uma sociedade excludente e de auto-afirmação devemos chegar a uma sociedade integrada na sua totalidade; de um modelo de produção à custa da natureza para um modelo de convivência e sinergia com a natureza. O resultado final desta convivência é produzirmos uma geossociedade de sustentação da vida em todas as suas formas.

(Leonardo Boff)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho Victor Cauã, razão do meu viver e da minha vontade de seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por ter chegado até aqui, pois sem ajuda DELE, seria impossível ter caminhado sozinha.

A minha mãe ANA, por ser meu braço direito, me fazendo acreditar que tudo na vida passa e com muita dificuldade sempre me ajudou.

RESUMO

O problema do *Bullying* não está restrito apenas ao ambiente escolar. Ele nos aparece como um problema mais amplo que engloba uma cultura do consumismo, egoísmo e competitivismo, verdadeiros facilitadores da violência. Como a escola não está completamente autônoma da vida em sociedade, a violência também penetra em seus muros. É nessa perspectiva que este trabalho tem como objetivo discutir algumas dimensões sobre a temática do *Bullying* em sala de aula, a partir de uma análise introdutória sobre a necessidade da promoção de uma nova cultura baseada nos ideais de hospitalidade, respeito e tolerância defendidos por Boff (2006). A partir daí, analisaremos detidamente sobre o *bullying* enquanto fenômeno escolar a partir da contribuição teórica de Cléo Fante (2005). Como ponto de chegada, nos deteremos numa análise da escola do Cariri paraibano e seus programas de intervenção visando uma cultura de paz.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Tolerância. Violência.

ABSTRACT

The issue of bullying is not restricted to schools. Rather, it is part of a larger problem: a culture of consumption, selfishness and competition, all of which generate violence. Because schools do not exist in isolation, violence in society also penetrates their walls. This study discusses various dimensions of bullying in the classroom. It begins by highlighting the need to promote a culture of hospitality, respect and tolerance (Boff, 2006). Based on the theoretical contributions of Cléo Fante (2005), the study proceeds to closely examine the phenomenon of bullying within the school context. The paper concludes with an analysis of the School and its programs designed to nurture a culture of peace.

KEYWORDS: Bullying; Tolerance; Violence

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	11
CAPÍTULO I: Bullying: origem, conceito, desumanização -----	12
CAPÍTULO II: Para uma cultura do respeito e de tolerância em combate ao bullying --- -----	15
CAPÍTULO III: Propostas de intervenção no ambiente escolar -----	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	25
REFERÊNCIAS -----	26

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um dos graves problemas que ameaçam a qualidade do ensino-aprendizagem das escolas na atualidade. A violência, o desrespeito e intolerância têm sido infelizmente, ocorrências constantes em nossas escolas. A que se devem tais fatos? Qual a origem de tantos problemas que ameaçavam o bem-estar de nossas atividades escolares? Será que é apenas um problema das escolas?

Acreditamos que o *bullying* não é apenas mais um problema interno das nossas escolas. A escola não goza de uma autonomia absoluta em relação a nossa sociedade. Ela também é determinada pelo que acontece socialmente. Sem, contudo cair em determinismos, a escola também tem certa autonomia em relação à sociedade. Desse modo, o *bullying* ocorre nas escolas, porque certamente é um fenômeno que também está presente na sociedade.

O *bullying* não é um fenômeno determinado em algumas localidades. Muitos países ocidentais têm se preocupado com o fenômeno, portanto trata-se de um problema generalizado e que vem se tornando agudo a cada ano. O Brasil não foge à regra.

Para desenvolver a temática em debate, vamos subdividir esse trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: “*Bullying*: origem, conceito, desumanização”, o nosso escopo é o de desenvolver conceitos básicos envolvendo o *bullying* e suas consequências nefastas para as vítimas e para a boa saúde escola.

No segundo capítulo cujo título é: “Para uma cultura da tolerância em combate ao *bullying*”, pretendemos apresentar propostas de combate ao *bullying* por meio de uma nova cultura baseada em valores universais, quais sejam: hospitalidade, respeito e tolerância, concordando com as ideias de Boff (). A proposta é para se ter uma escola sã, também é necessária uma cultura humanizada.

Vamos concluir o nosso trabalho a partir do capítulo: “Propostas de intervenção no ambiente escolar”, no qual observamos na prática, a estrutura e o modelo organizacional de um escola de ensino fundamental do cariri paraibano.

São esses desafios que nos levam a elaborar esse Trabalho de Conclusão de Curso. Esperamos lograr êxito nessa pesquisa cujo tema é de fundamental importância para a defesa de uma escola pública, gratuita, humanizada e de qualidade.

CAPÍTULO I

Bullying: origem, conceito, desumanização

Nós temos acompanhado via mídia: impressa, radiofônica, televisiva e internet, quase que rotineiramente casos de desrespeito e violência nas escolas públicas. Por enquanto, esses acontecimentos têm nos causado ojeriza. Porém, dada a sua frequente continuidade, há riscos de naturalização e conseqüente acomodação da violência nas escolas.

É sempre aconselhável retomarmos as ideias de Freire para afastar qualquer risco de acomodação ou fatalismos no ambiente escolar. Afinal, o que está em jogo no nosso debate proposto é a condição humana. E não é possível falar de educação sem se referir ao ser humano e a sociedade. Para Freire (2006, p.39): “A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem está inserido”.

Se a escola reproduz fenômenos como a violência em “seus muros”, ela pode também transformar essa realidade. A segurança pública tornou-se um dos problemas mais urgentes do Brasil, já que a violência tem preocupado governos, instituições, população. Conforme Fante (2005, p.154):

Segundo alguns autores, o termo *violência* é complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador – social, econômico e cultural –, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em consideração o seu nível de tolerância para com a violência.

A história da humanidade é marcada desde o princípio por fortes conflitos. Não existe convívio humano em que as partes envolvidas concordem com tudo. É através, da discordância de opiniões, gostos, princípios, que o conflito tem início, e é por meio dele que surgem as possibilidades de solucionar um problema.

Na tentativa de resolver os conflitos, os seres humanos deixam transparecer comportamentos agressivos e violentos, pois, na maioria das vezes nos sentimos agredidos, ofendidos e o por isso temos medo de perder algo que é nosso. Com o intuito

de por medo no outro, vamo-nos armando, e colocamos em pratica estratégias violentas que podem chegar a machucar fisicamente o outro. Para Arruda Aranha (2005, p.282):

A violência é movida, portanto, por um desejo de destruição do outro, que se configura a partir de diversos tipos de intenção: ferir, matar, prender, ameaçar, impedir de agir, humilhar, roubar ou destruir os bens.

O modo como agimos em uma situação conflituosa, é mais uma maneira de aliviar a tensão que o mesmo nos causa, ao invés de tentarmos conversar e procurar meios para argumentar coerentemente com a outra pessoa, sempre partimos para violência, seja verbal ou física. É através do dialogo ou da discussão de um problema que podemos resolvê-lo sem a necessidade da violência. Em um momento de divergências temos que ter consciência do que um ato violento pode causar, procurando sempre enfrentar os conflitos com habilidades mais eficazes para o problema. Em um conflito, temos que enxergar todos os lados envolvidos, as particularidades de cada um, e procurar a melhor maneira de satisfazer a todos.

Infelizmente, na maioria das vezes os conflitos sempre acabam em atos violentos, que se propagam de várias formas, sejam explicitas ou não. Existem vários tipos de violência, dentre elas podemos destacar a violência estrutural, a violência passiva e a violência simbólica, que fazem parte do nosso dia a dia.

O *bullying* é a forma mais visível da violência nas escolas. Aquela palavra está em moda e danosas são as suas consequências. Para compreendermos melhor esse fenômeno é necessário conceituá-lo. Vamos fazê-lo a partir da sua etimologia. Para Fante (2005, p.27):

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Como podemos perceber, o fenômeno *bullying* se internacionalizou já que é constatado em boa parte do mundo. Agressividade, maltratos e violência são seus sinônimos de acordo com a citação acima. Interessa destacar que o fenômeno é coletivo e ocorre dentro das instituições o que inclui a escola.

Outro ponto a destacar é que o *bullying* faz vítimas. É por isso que o seu conceito não deve ser tratado como algo meramente abstrato. O conceito de *bullying* é construído a partir de realidades que infelizmente têm sua origem na violência, na intolerância e no desrespeito entre pessoas que estudam e convivem em um mesmo ambiente. Conforme Fante (2005, p.28-29), o *Bullying* é:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Como isso acontece concretamente na escola? Supostas brincadeiras e palavras dirigidas a alguém podem parecer banais, mas podem ter efeitos profundamente terríveis aos olhos de quem vê e aos ouvidos de quem escuta. Isso sem mencionar agressões físicas e verbais de uma pessoa ou grupo para outra. Para Ramos (2008, p.37):

Um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno.

Quais são as pessoas envolvidas? Não há efeito sem causa. É preciso que a gestão, educadores e educandos, corpo técnico-administrativo e famílias se conscientizem quanto a importância de prevenir e bem administrar os casos correntes. Existem sujeitos envolvidos, dessa forma há que se identificarem os agressores e envolvidos, corrigir os erros e dar apoio emocional, social e até legal às vítimas. Fante (2005, p.71-74) identifica os envolvidos, a quem ela considera como “protagonistas do fenômeno” da seguinte forma: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor, espectador. Em todos esses casos necessário se faz identificar os envolvidos, já que, conforme Fante (2005, p.74):

O *bullying* tem como característica principal a violência oculta. Considerando o mutismo da vítima, qualquer mudança que ocorra no comportamento da criança deve ser observada, por mais insignificante que pareça.

Interessante que estamos nos referindo à escola e a educação. Quando estas deveriam ser espaço ideal para a humanização das pessoas, o contrário é que se estabelece. Quantas crianças e adolescentes não se tornam traumatizadas por causa de experiências desumanas no ambiente escolar? Que imagem essas pessoas têm da escola? Que ideia de escola levará essas pessoas consigo, às vezes, para o resto da vida?

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em seu Art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Colocar a família como responsável pela educação dos filhos não significa retirar a responsabilidade do Estado. Significa lembrar à família do seu dever de educar os seus filhos para o exercício da cidadania, respeito e tolerância. Nesse aspecto, os pais têm uma missão especial, na qual antes delegar a escola, devem mesmo cumprir: a educação dos filhos começa em casa. Conforme Fante (2005, p.76):

É oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que o filho manifesta são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que é percebida por ele; muito menos procuram checar e refletir se o que o filho está realmente aprendendo tem relação com aquilo que 'eles pensam' que está sendo ensinado

Nesse aspecto, deveria haver uma continuidade entre a educação familiar e a educação escolar. As primeiras lições partem de casa, por isso os pais deveriam estar preparados para educar seus filhos. Isso exige: planejamento familiar, dedicação para garantir o pleno desenvolvimento das faculdades da criança, apoio, correção, carinho e afeto. Características que são quase completamente estranhas à realidade brasileira, mas que precisam ser incentivadas nas famílias para um desenvolvimento equilibrado dos seus infantes.

CAPÍTULO II

Para uma cultura do respeito e da tolerância em combate ao *bullying*

As narrativas míticas podem ser um instrumento pedagógico eficaz para a promoção da cultura de paz nas escolas em combate ao *bullying*. Tais narrativas podem ser lidas, interpretadas, encenadas, levando os educandos a refletir, inspirados no estilo intuitivo dessas narrativas, sobre o respeito e a tolerância aos outros. Conforme Freire (2005, p.42): “O uso da estória é absolutamente pedagógico. É um caminho de pedagogia e de política”.

Há uma galeria intensa de relatos antigos que podem servir de guia para uma ação pedagógica eficaz em matéria de promoção de uma cultura de paz nas escolas. Boff (2006, p.78-84), por exemplo, apresenta-nos o “Mito da Hospitalidade”, relato vivo e marcante traduzido do livro: “As Metamorfoses” do poeta romano, Ovídio (43-37 d.C.), no qual apresentamos uma síntese a seguir:

1. Os personagens são os deuses Júpiter e seu filho Hermes e um casal de velhinhos chamado: Filêmon e Báucis. Os dois deuses decidem testar a hospitalidade dos homens peregrinando entre aldeias e cidades. Os deuses decidiriam que se disfarçariam de maltrapilhos para ver como estavam o espírito de hospitalidade genuína e verdadeira entre os homens: “Pareciam pobres andarilhos nas estradas” (BOFF, 2006, p.78)

2. Foram solenemente maltratados e rejeitados por muitas terras que passaram: “Ninguém lhes estendia a mão. Recebiam maus-tratos e ouviam palavras ofensivas” (BOFF, 2006, p.78). Esse enredo pode ser transmitido e compartilhado nas salas de aula de forma viva e perpassado de emoção, para possibilitar uma análise reflexiva da condição dos deuses que se travestem de maltrapilhos e sofrem humilhações.

3. O cansaço e a sequente violência fruto da discriminação sofrida pelos deuses os abateram, e aparentemente sofridos: “Sonhavam com a hospitalidade mínima” (BOFF, 2006, p.79). Até que chegaram na região da Frígia, lugar conhecido pela rudeza para onde foram desterrados criminosos e bandidos. Se em lugares mais civilizados os dois maltrapilhos sofreram o que sofreram imagine o que eles pensavam de tal região? Discriminações e preconceitos poderiam rondar a cabeça dos deuses peregrinos.

4. Porém, em busca de pousada e comida para pernoitar durante a noite, os dois deuses disfarçados de mendigos foram acolhidos numa choupana onde moravam dois velhinhos: Báucis e Filêmon. Esse casal vivia: “em grande paz e harmonia, pois faziam tudo juntos, um auxiliando sempre o outro” (BOFF, 2006, p.79).

5. Os dois velhinhos acolheram os dois peregrinos por que possuíam aquilo que os deuses estavam buscando entre os homens: um sentimento de solidariedade puro e sem interesses, uma caridade impressionante e uma hospitalidade desinteressada. O casal de velhinhos acolheram os dois “necessitados” sem saber de onde vinham e o que poderiam oferecer para os anfitriões: “Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas pronta para acolhê-los” (BOFF, 2006, p.80).

6. Acolhida, comida e sobremesa foram compartilhados de uma forma bem simples, mas autêntica. A casa ficou à disposição dos pobres viajantes. Os velhinhos fizeram o bem sem olhar a quem. Não se deixaram levar pelas aparências, com isso, mostraram qual seria a real condição da humanidade: respeito e tolerância para quem quer que seja, independentemente de qualquer forma de preconceito: “Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa” (BOFF, 2006, p.81).

7. Como é característica dos relatos míticos antigos, a revelação se dá em meio a relâmpagos, terremotos e trovões. Afinal, é comum nesses relatos a irrupção com qualquer discurso efetivamente racional. A choupana se transforma em um imenso templo luzidio, onde os deuses se revelam. As narrativas extrapolam a dimensão fenomenológica da vida, pois se tratam de história sagradas, e por isso mesmo, “verdadeiras”. No ato da revelação, a admiração dos velhinhos é concomitante a generosidade dos deuses. Ambos querem atender pedidos dos hóspedes.

8. O que pedir diante de deuses? A megalomania e o desejo de poder cedem lugar a pedidos simples, mas verdadeiros. Os pedidos se alternam, e a coerência dos bons velhinhos é de causar admiração aos leitores: desejo1: “O nosso desejo é de servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida” (BOFF, 2006, p.83). A choupana que se transforma em templo é o lugar comum onde reinam a paz e a concórdia. Desejo 2: “Depois de tão longo amor e tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro” (BOFF, 2006,

p.83). Diante da revelação sobre a verdadeira natureza dos seus hóspedes, o casal de velhinhos pediu para permanecerem juntos servindo os deuses e poder morrerem juntos.

9. Eles poderiam ter pedido riquezas, juventude, glórias, mas o amor que sentiam um pelo outro aliado a humildade dos seus corações não necessitavam de mais nada do daquilo que já tinham. O desfecho não poderia deixar de ser maravilhoso: uma vez sentados no átrio, ambos se transformaram em árvores, os galhos e copas se entrelaçaram e viveram unidos para sempre. O problema ecológico também se faz sentir: de humanos a árvores, a vida segue, o amor prospera:

Quem passa por aquela região da Frígia, atualmente a Turquia, ainda hoje ouvirá esta fantástica história contada de geração em geração. Poderão ver as duas árvores centenárias, lado a lado, com as copas e os galhos entrelaçados. Elas lembram Filêmon e Báucis, esse casal hospitaleiro, e a metamorfose que conheceram por causa de sua hospitalidade (BOFF, 2006, p.84).

Uma vez lido, interpretado e até encenado nas escolas mitos como esse, os seus efeitos didático-pedagógicos poderão ser sentidos na comunidade. É a cultura escolar humanizada contra a cultura da violência e do *bullying*. O respeito e a hospitalidade são condições necessárias para a vida na comunidade escolar, pois precisamos respeitar os outros independentemente de suas condições reais e principalmente de suas aparências.

Segundo Boff (2006, p.47): “o respeito é indispensável diante de cada pessoa humana, de outros povos, de suas culturas, tradições e religiões e diante de cada ser”. Muito mais do que simplesmente ler mensagens de paz, às vezes sem que toquem o coração da comunidade devido ao excesso de formalidade “insossa”, os relatos míticos com toda a sua vivacidade, uma vez lidos e encenados, podem ocasionar efeitos significativos entre os participantes da comunidade, principalmente educadores, educandos e corpo técnico-administrativo.

Ainda conforme Boff (2006, p.86): “a tolerância é fundamentalmente a virtude que subjaz à democracia como forma de organizar a sociedade estruturar o governo”. Aliado à prática de utilizar recursos didáticos diferenciados como os que foram postos nesse capítulo, é necessário também o cuidado com o trato da comunidade escolar. Afinal, a tolerância não pode ser considerada um conceito vazio, é antes de tudo uma prática que se inicia na gestão escolar, na forma como ele trata a comunidade, organiza e estrutura o ensino-aprendizagem.

O que se precisa fazer para incentivar uma nova consciência de respeito e tolerância aos outros é criar dentro das escolas uma nova cultura através de práticas humanizadas que valorizem e incluam o ser humano como parte inerente do processo do ensino-aprendizagem. Identificando e coibindo a violência em seus quadros, e promovendo uma verdadeira cultura de paz por meio do respeito e da tolerância, em nome de uma “pedagogia universal”, conforme Boff (2006, p.87):

Por fim, a tolerância representa uma pedagogia universal. Ela vale reciprocamente para todos os diferentes. Cada diferente dá as boas razões de sua diferença para outro diferente que, por sua vez, também dá boas razões de sua diferença. O que une ambos é a confiança na razão, capaz de produzir argumentos de persuasão.

Não basta constatar os casos de violência e de *bullying* nas escolas, cruzar os braços e esperar que os outros (governo, conselhos tutelares, igrejas, famílias, gestão escolar) resolvam esse problema. A transformação deve começar do nível menor (educador, educadores, educando, educandos) ao nível maior (comunidade escolar, família, sociedade). Longe de ter a pretensão em querer redimir a sociedade pela escola, o nosso propósito é o de procurar alternativas viáveis para promovermos uma cultura de paz por meio de uma pedagogia universal do respeito e da tolerância.

CAPÍTULO III

Propostas de intervenção no ambiente escolar

A escola observada oferece ensino público nas modalidades de Ensino Infantil e Fundamental I, nos turnos manhã e tarde. Tem por corpo docente o total de 18 professores, onde 6 tem o curso de pedagogia, 9 possui pós graduação em psicopedagogia; 1 possui pós graduação em orientação e supervisão escolar; 2 possui licenciatura plena em outras disciplinas.

A gestora administrativa tem 25 anos de experiência em sala de aula, a 16 anos é habilitada, está na função atual desde o ano de 2009 por indicação, já que no município ainda não foi adotada a escolha da gestão por votação, sua jornada de trabalho é de 30 horas semanais na mesma escola.

O corpo docente é formado por 13 professores onde apenas um trabalha integralmente. Os educadores possuem as seguintes formações:

06. Possuem formação em Pedagogia;

04. Com formação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia;

01. Com formação Especialização em Psicopedagogia;

01. Com formação em Matemática e Especialização em Psicopedagogia;

01. Com formação em Biologia e Especialização em Orientação Educacional e Supervisão Escolar;

01 Com formação em História;

01 Com formação em Geografia e Especialização em Psicopedagogia, (concluindo);

01 Com formação em Ciências com habilitação em Matemática e Especialização em Psicopedagogia.

O pessoal de apoio que compõe a escola são 10 funcionários:

01.Secretário

02.Vigias

01.Porteiro

01. Merendeira

04. Auxiliares de Serviços

01. Inspetor de alunos

Educação infantil, Ensino Fundamental I e Complementação Educacional (Mais educação) Nos seguintes horários de funcionamento: Manhã: 07h às 11h e 15min (Educação Infantil e Ensino Fundamental I). Tarde: 13h às 17 e 15min (Educação Infantil e Ensino Fundamental I). Noite: Segundas e quartas-feiras das 19h às 20h e 30min (aulas de departamento utilizadas para elaborar planejamento de atividades semanais) Terças e quintas-feiras 19h às 20 e 30min (curso de informática para os educadores da rede municipal de ensino).

Educação Infantil

Ensino Fundamental I

Educação Especial

Brasil Alfabetizado

Educação Complementar (Mais Educação com aulas de reforço e oficinas diversificadas).

PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)

A escola ainda não possui o projeto político pedagógico estando em construção, portanto a gestora e os professores que ali trabalham, tentam seguir o modelo de projeto político pedagógico que é utilizado por uma escola do estado. Tentando identificar-se com o processo de construção de uma sociedade mais justa onde sua prática pedagógica é entendida como prática de vida.

Na escola estão desenvolvidos atualmente alguns projetos como um projeto de leitura: devoradores de livro onde o mesmo tem como objetivo estimular a capacidade de leitura dos alunos, também não esquecendo de colocar o projeto “a criança em contato diário com as ciências sociais, naturais, as línguas e as artes”. Elaborando situações que provoca reflexão, construiu uma concepção segura do mundo explorando as melhores oportunidades de estímulos para cada fase intelectual.

A criança encontra um ambiente sadio, onde a cooperação, afetividade, estímulo constante, crescimento emocional e a participação das famílias permeiam todo o aprendizado.

Educação infantil: vivenciado cada dia de forma completa e agradável, repleta de atividades pedagógicas e lúdicas, em um ambiente educativo e seguro. Valorizando a afetividade, a auto – estima e as relações pessoais: cada criança é um indivíduo.

Ensino Fundamental: base de todo processo ensino e aprendizagem, os alunos merecem uma atenção especial e acompanhamento personalizado por parte dos educadores mais cooperação, e menos competição.

A Escola é constituída por sete salas amplas e duas salas de extensão em uma outra escola da rede estadual. Além das salas a escola é composta por 8 cômodos e um pavilhão sendo eles:

Pavilhão – onde é feito a entrada dos alunos, as comemorações e as recreações.

Banheiros – dois masculinos dois femininos e um para os professores e demais funcionários.

Uma mini biblioteca – onde os alunos são incentivados para leitura. (Na mesma possui livros didáticos e paradidáticos.

Cozinha – ampla e arejada.

Laboratório de Informática – com dez computadores.

Secretária – com uma divisão para diretoria.

Ainda mencionando os recursos físicos e técnicos podemos encontrar:1 laboratório de informática,10 computadores, 1 data show,1 mimeógrafo,1 impressora,1 filmadora,1 TV,1 aparelho de DVD,1 som, microfones, minibiblioteca, livros didáticos, enciclopédia, paradidáticos, quadro-branco, dicionários, jogos educativos, alfabeto móvel, material dourado, bloco lógico.

A escola possui ao todo 110 cadeiras de braço, 100 mesinhas coloridas com suas cadeiras (para educação infantil), 7 quadros brancos, 7 birôs e 7 cadeiras. Em outras dependências têm a mais 3 birôs, 3 cadeiras, 3 mesas grandes, 6 cadeiras e 6 bancos.

Nesse momento a escola passa por uma reforma que iniciou-se no mês de Julho com: conserto do telhado (tinha desabado), gesso, portas, eletricidade, emassamento e pinturas de paredes.

A escola dispõe de alguns programas financiados pelo governo federal, são eles:

PDE – Programa dinheiro na escola

PDDE – Programa dinheiro direto na escola

Linux Educacional – Software educacional de alfabetização

Programa de Alimentação

Livro Didático,

Transporte Escolar,

Mais Educação,

Brasil Alfabetizado,

Biblioteca na Escola.

Através deles são disponibilizados todo o material possível solicitados pelos professores que também sempre requisitam transportes para visitas a bibliotecas em parceria com a SEDUC.

Os alunos matriculados e que estão frequentando, encontram-se distribuídos nos dois turnos (manhã e tarde) nas turmas a seguir:

Infantil II A – manhã – 29 alunos

Infantil II B – manhã – 34 alunos

1º Ano A – manhã – 29 alunos

1º Ano B – tarde – 31 alunos

2º Ano A – manhã – 26 alunos

2º Ano B – manhã – 26 alunos

2º Ano C – tarde – 31 alunos

3º Ano A – manhã – 33 alunos

3º Ano B – tarde – 32 alunos

4º Ano A – manhã – 30 alunos

4º Ano B – tarde – 34 alunos

5º Ano A – manhã – 32 alunos

5º Ano B – tarde – 35 alunos

A escola analisada ainda não possui o projeto político pedagógico, atualmente estando este em elaboração. Portanto a gestora e os professores que ali trabalham, tentam seguir o modelo de projeto político pedagógico que é utilizado por outra escola do estado.

Além do mais, a escola é formada por alunos de famílias de classe média (bastante diversificada), a maioria deles é de família de baixa renda. Quanto ao nível de escolaridade da comunidade a grandes variações incluindo os fundamentais completos e incompletos pouquíssimos tem ensino médio completo.

Quanto ao *bullying* em sala de aula ou no ambiente escolar, alguns problemas de fato acontecem como os de problemas de: indisciplina, desrespeito entre colegas, desatenção e desinteresse nas aulas, para tentar resolver esses problemas a escola usa de todos os meios que dispõe. Na grande maioria das vezes os problemas começam na família ou mesmo na falta de perspectiva para o futuro. Para tentar reduzir os problemas, a escola faz periodicamente reuniões, mais nem sempre são bem sucedidas.

Observamos a importância de se ter projetos que visem uma promoção de cultura de paz na escola, bem como ações que incentivem a cultura do respeito e da tolerância. Para Fante (2005, p.62):

A ausência desses valores humanistas tem induzido o educando ao caminho da intolerância, que se expressa pela não-aceitação das diferenças pessoais inerentes a todos os seres humanos.

Uma educação que tem como meta a humanização das pessoas deve começar cedo. Para isso, é preciso um movimento pela paz e de combate a violência que inclua a família, as instituições e a escola. Dessa forma, é possível construirmos uma cultura voltada para uma educação para a cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da desigualdade social é um dos melhores exemplos de desumanização da sociedade. Ela tem como características: bairros sociais que oferecem más condições de vida e propiciam a marginalização de seus habitantes, transportes públicos lotados, falta de empregos ou empregos precários que resultam em pessoas violentas, estressadas, desesperadas e marginalizadas.

Muitas escolas estão localizadas nesses bairros e acabam por reproduzir a violência e a desigualdade existente. É por isso que Freire (2005, p.36) constata, indignado: “E reinventado a sociedade inteira a gente vai reinventar a educação que agora não vale quase nada. Vale alguma coisa, mas está horrível, e nela a escola”.

Diante de tanta violência vivenciada é necessário que seja feito um pacto a partir de nós mesmos. Isso não quer dizer que devemos concordar ou aceitar tudo e todos, mas sim procurar harmonizar vontades e saber o que é melhor para todos.

É dever do Estado e de toda a sociedade civil, procurar meios para que a violência nas escolas seja pelos minimizada. Ao se cumprir todas as leis impostas pelo Estado, o indivíduo mostra-se capaz de gozar de seus direitos de cidadão assegurados pela Constituição Federal. É através da participação direta da sociedade, em conjunto com as instituições públicas que fica mais fácil combater a violência, pois é por meio dessa união que se pode visualizar uma segurança pública eficaz.

Uma das melhores formas de combater a violência nas escolas é por em prática medidas protetivas e corretivas que combatam as causas dos problemas e não só os efeitos externos causados pela violência. É por meio da discussão e do diálogo que os problemas podem ser resolvidos, sem que o uso da violência seja posta em prática. Em uma sociedade civilizada isso fica bem mais fácil, pois a paz só existe onde a justiça, bem estar e relações construtivas são predominantes.

REFERÊNCIAS

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de. PIRES MARTINS, Maria Helena. **Temas de Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2005.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Convivência , respeito, tolerância- Petrópolis –RJ; VOZES, 2006 (Vol. I-III).

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: A Violência Tolerada na Escola. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em: 21/09/2014

